



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021

Fevereiro

Nº 368

Homenagem ao Gen Miotto



O General Geraldo Antônio Miotto continua entre nós.

Quarenta anos atrás, nas manobras de SAICÃ, o Tenente Miotto demonstrava a experiência de um velho general.

Quando Comandante Militar do Sul, o Gen Miotto demonstrou toda a vivacidade e o entusiasmo de um jovem tenente.

Essas características pessoais nos autorizam a afirmar que o Gen Miotto, por todo seu legado, continua entre nós, seus irmãos de farda, amigos civis, gaúchos e brasileiros.

Cel EB Gilberto Costa de Almeida

A Divisão de Voluntários Reais

Nota do editor: em 1816, diante das frequentes incursões de tropas orientais no território do futuro Rio Grande do Sul, o Príncipe Regente Dom João determina a vinda de Portugal da Divisão de Voluntários Reais (DVR) – tropa de elite do Exército Português, para a intervenção na Banda Oriental. A DVR desembarcou no RJ em 30 de março de 1816, foi deslocada para o sul e entrou na Banda Oriental em novembro.

Este processo histórico, na sua parte militar, contou com a decisiva participação de um dos formadores do futuro Exército Brasileiro – o General Joaquim Xavier Curado.

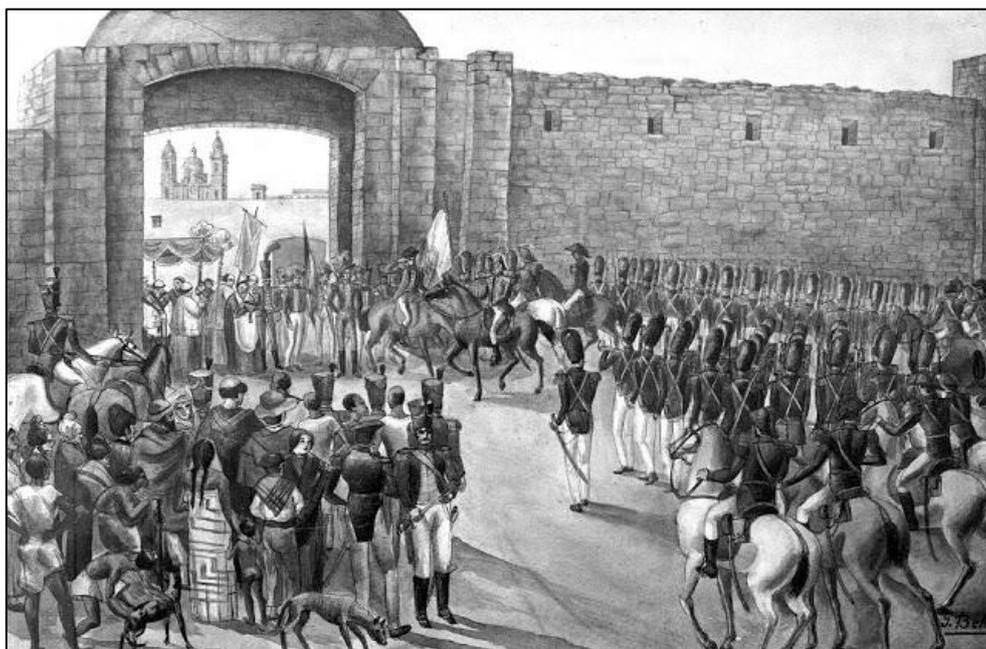
Ocorre então a 2ª intervenção portuguesa no Prata – a Campanha da Cisplatina. Seguem-se diversas batalhas, entre as quais se destacam as de Carumbé (27 de outubro), vencida pelo Gen Curado e pelo Brigadeiro graduado Joaquim de Oliveira Álvares, Cmt da Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, sobre as forças do próprio José Artigas; e a de Índia Muerta, em 19 de novembro, com a vitória do brasileiro/gaúcho de Rio Pardo General Sebastião Barreto Pereira Pinto sobre as tropas do uruguaio Frutuoso Rivera.

O comando da DVR era do português Tenente-General Carlos Frederico de Lecor. Vencidas as resistências, Lecor conquista Montevideo e entra na capital.

Este é o tema deste trabalho do pesquisador português Jorge Quinta-Nova, Membro-Efetivo da AHIMTB/Lisboa.

Entrada em Montevideú, 20 de Janeiro de 1817

Jorge Quinta-Nova



Ao romper do dia 20 de Janeiro de 1817, pelas seis horas, toda a Divisão de Voluntários Reais assim como algumas tropas do Exército do Brasil formaram para que os seus comandantes lhes passassem as competentes revistas.

Desde a tarde do dia anterior que esperavam no Saladero del Seco, 9 km a oeste da praça, logo após o seu general em chefe, Carlos Frederico Lecor, ter acertado os termos de rendição com emissários do Cabildo que se apresentaram em Pando.

Após quase 6 meses de marchas e acampamentos, desde a ilha de Santa Catarina, a mais de 1000 quilômetros de distância, até este momento, todos usam os melhores uniformes, no maior garbo e asseio, e todos se preparavam para cumprir o maior objetivo de toda a campanha, Montevideo, aquilo que os trouxe à América.

Cerimonial de entrega da praça



Às nove horas da manhã, toda a Divisão de Voluntários Reais e demais forças, do exército do Brasil (vide ‘Ordem de Batalha’ em baixo), se perfilam perante as muralhas, junto à Porta Norte, a entrada principal da cidade.

Por essa mesma altura, os membros do Cabildo, o conselho municipal, Juan de Medina, Felipe Garcia, Agustin Estrada, Lorenzo J. Perez e Jerónimo Pio Bianqui, e demais corporações da cidade, entre muito povo curioso, encaminham-se para a porta norte da cidade, onde encontram o general português.

O pintor uruguaio Gilberto Bellini captura esse momento, mostrando a pompa e circunstância, pese embora ser obra feita 100

Carlos Frederico de Lecor

anos depois dos acontecimentos.

Solenemente, Lecor perguntou se o Cabildo tinha algo a expor antes que ele entrasse na praça. Apresentou-se o síndico procurador geral, Jerónimo Pio Bianqui, em nome de todos, defendendo a necessidade de sufocar a “exaltación de las pasiones” e acabar com os insultos que foram feitos pelos revolucionários à cidade.

De acordo com Francisco Bauzá, Lecor respondeu que “estaba muy bien” e que iria levar essas preocupações a sua Majestade Fidelíssima.

Logo em seguida, Bianqui fez a entrega das chaves da cidade, pedindo que, sendo necessário, as retorne apenas e só ao Cabildo, que é quem as entrega:

El Exmo. Cabildo de esta Ciudad por medio de su Sindico Procurador General hace entrega de las llaves de esta Plaza á S. M. F. (que Dios guarde) depositandolas com satisfacion y placer, en manos de V. E. suplicandole sumisamente tenga la vondad de hacerle el gusto que en qualquier caso ó ebento que se vea en la necesidad de ebaquarla no las entriegue á ninguna otra autoridade ni potencia, que no sea el mismo Cabildo[...]

Bianqui conclui, indicando que o Cabildo espera que “un General que ha mostrada tanta generosidad á todos los Pueblos del tránsito [...] no se negará consederle esta suplica”.

Bianqui foi, como veremos, na segunda parte desta postagem, uma figura fundamental na gestão dos acontecimentos.

Tendo Barreiro retirado com os 800 homens da guarnição na noite de 18 para Paso del Cuello, a norte de Canelones, é ele que faz o Cabildo agir, na manhã de 19, da única forma que pode, a rendição, pedindo o razoável aos portugueses.

Não há tropas, mas a cidade permanece, o comércio e a navegação devem continuar.

Ao lado, o goiano Tenente-General Joaquim Xavier Curado, um dos formadores do Exército Brasileiro nas primeiras décadas do século XIX.



Sob o Pálio



Igreja Matriz (hoje Catedral Metropolitana)

Entregues as chaves e feitos os cumprimentos, os maiores da cidade guiaram o general Lecor, “en la forma acostumbrada”, debaixo do pálio, entre vivas e aclamações entusiásticas, à Igreja Matriz onde foi entoado um solene *Te Deum*. Após a cerimónia religiosa, a comitiva deslocou-se às Casas Capitulares, onde o Cabildo estava sediado, e onde Lecor tomou a posse da cidade.

O memorialista Lobo Barreto, então tenente de caçadores, reflete sobre a natureza dos vivas que eram dados a Lecor e a D. João VI, principalmente por parte dos espanhóis europeus:

[...] um regozijo extraordinario se mostrou em toda a Povoação, e muito principalmente nos Hespanhoes Europêos, que se persuadião que estas tropas de acordo com o gabinete de Madrid ião revindicar os direitos do seo Rei, e livrando-os da perseguição dos filhos do paiz, proteger as vinganças e caprichos dos seus primeiros colonos; do que bem breve se desenganarão [...].



Ao lado, a versão a cores da obra de Gilberto Bellini

Segundo Francisco Bauzá, não houve apenas vivas, tendo as autoridades alguma dificuldade em conter alguns “morram os traidores, os portugueses e os aportuguesados” que se ouviam. Segundo este autor, descendente de Rufino Bauzá, apoiante de Artigas e protagonista oriental dos dias anteriores, houve algumas agressões pessoais e o falatório de outras mais generalizadas para o futuro. De facto, e apesar das derrotas que os orientais sofrem em Índia Muerta e Catalán, a

Banda Oriental está longe de estar controlada e a Liga de los Pueblos Livres, de Artigas, está ainda longe de submetida.

O Pavilhão Portuguez



Após todas estas cerimônias, as tropas portuguesas desfilaram ainda pelas ruas principais da cidade, exibindo o seu garbo marcial e os seus uniformes castanhos distintos, que tanto tinham impressionado em Lisboa e no Rio de Janeiro. Como último ato do dia, içou-se a bandeira portuguesa na cidadela, ao que se seguiram salvas e repique de sinos.

Lobo Barreto informa-nos que, com a exceção da Coluna da Vanguarda que ficou aquartelada na cidadela, todas as forças portuguesas se foram postar a cerca de 5 kms das muralhas, montando postos avançados. Montevideu pode ter sido tomada, mas a Banda Oriental está longe de ser dominada.

Ordem de 'Batalha'

(de acordo com DUARTE: 1984)

Divisão de Voluntários Reais

1.^a Brigada de Infantaria:

- 1.^o Regimento de Infantaria ... 1,040

- 1.^o Batalhão de Caçadores ... 712

2.^a Brigada de Infantaria:

- 2.^o Regimento de Infantaria ... 1,076

- 2.^o Batalhão de Caçadores ... 615

Cavalaria ... 756

Artilharia ... 233

(Total de 4,432 efectivos)

Unidades Brasileiras

Batalhão de Infantaria do Rio Grande ... 220

Esquadrão de Cavalaria do Rio Grande ... 113

2 Esquadrões da Legião de São Paulo ... 54

2 Esquadrões da Milícia do Rio Grande ... 196

Companhia de Artilharia a Cavalos ... 62

Guerrilhas do Rio Grande ... 17
(Total de 662 efectivos)

Grande total de 5,094 efectivos

* * *

Extrato das memórias de João da Cunha Lobo Barreto

[...] *ENTRADA NA PRAÇA DE MONTEVIDÉO*

No dia 20 de Janeiro ao romper do sol se formarão todos os Corpos no maior asseio possível afim dos seus respectivos Commandantes lhes passarem as competentes revistas, e depois de reunida toda a columna nos posemos em marcha para a dita Praça, onde entramos ás 9 horas da manhã do mesmo dia; um regozijo extraordinario se mostrou em toda a Povoação, e muito principalmente nos Hespanhoes Europêos, que se persuadião que estas tropas de acordo com o gabinete de Madrid ião revindicar os direitos do seu Rei, e livrando-os da perseguição dos filhos do paiz, proteger as vinganças e caprichos dos seus primeiros colonos; do que bem breve se desenganarão como logo diremos. O General em Chefe foi recebido pelo Cabildo (Senado da Camara) debaixo do Palio, assim conduzido á Matriz, aonde se entoou Te-Deum; depois as tropas percorrerão algumas ruas do centro da cidade; e á excepção da columna da vanguarda que se aquartelou na Cidadella, forão formar uma linha a uma legoa da cidade, cobrindo os seus suburbios todos com postos avançados. O General Pinto foi nomeado Governador da Praça, e o corpo de vanguarda desfeito no outro dia. No dia seguinte se arvorou na Cidadella, e mais fortes da praça o Pavilhão Portuguez; a cuja vista os Hespabhoes ali residentes murmurarão, e desde logo supposerão que a usurpação daquelle territorio é que ali nos tinha levado; os filhos do paiz, que até então gemião sobre o tirano jugo de José Artigas, uns porque tinham sido por elle perseguidos, e outros querendo figurar na ordem das cousas, ou tirar vantagem della; o caso é, que se mostravão muito satisfeitos, ou ao menos assim o apparentavão, rendendo seus respeitos ao General em Chefe, que a todos habitantes acolhia com summa consideração e affabilidade, conservando todas as authoridades que se achavão constituidas, e preferindo para os empregos que se hião creando os Americanos, aos Europêos, de cuja politica estes muito se ressentião, porem mais escandalizados dos filhos do paiz, antes querião soffrer semelhante humilhação, do que de novo lhes serem sugeitos, visto que seu desenfreamento, lingoagem, e regozijo, no acto da nossa entrada, mais tinha incitado a aquelles, que de certo lhe tomarião novas e restrictas contas se as nossas tropas de ali levantassem.

* * *

Fontes

- BARRETO, João da Cunha Lobo, "Apontamentos historicos a respeito dos movimentos e ataques das forças do comando do general Carlos Frederico Lecor, quando se ocupou a Banda oriental do Rio da Prata desde 1816 até 1823 (...)", in: Revista do IHGB, vol. 196, Julho-Setembro 1947, pp.4-68.
- BAUZA, Francisco, História de la Dominación Española en el Uruguay (tomo VI), Col. Clásicos Uruguayos, Ministério de Instrucción Pública: Montevideo, 1965. 444 pp.
- DUARTE, Paulo de Queiroz, Lecor e a Cisplatina 1816-1828 (3 v.), Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1984.
- ARCHIVO ARTIGAS, tomo XXII



História do CPOR/PA

Consoante com a iniciativa do Capitão Correia Lima, que, em 1927, obteve êxito na criação de unidade militar semelhante, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA) foi criado em 31 de janeiro de 1928 inicialmente com a denominação de Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 3ª Região Militar. (Documento Histórico).

No início de suas atividades o Centro só contava com os cursos de formação de oficiais de Infantaria, Cavalaria e Artilharia e sua primeira sede instalou-se no prédio do Comando da 3ª Região Militar, construção neoclássica localizada na Rua dos Andradas e preservada em excelentes condições, onde hoje continuam a funcionar órgãos do Comando da 3ª Região Militar.

Ainda em fase de organização, o Centro esteve no foco dos acontecimentos da Revolução de 30, tendo parte de seu efetivo aderido ao movimento e colaborado com a conquista da munição do paiol de munições do Morro Santa Tereza, nas instalações do Curso de Cavalaria, que permitiu aos revoltosos dominar a guarnição militar de Porto Alegre, as demais guarnições do Estado e levar a revolução vitoriosa até ao Rio de Janeiro, capital federal à época.

Em 1932, a sede do Centro foi transferida para uma casa alugada, ainda existente e em excelentes condições de preservação, no número 812 da Rua dos Andradas.

Em 1934, ocorreu nova mudança de sede para outra casa alugada, também preservada, na Rua 13 de Maio - atual Getúlio Vargas - no número 1570; pouco depois, em 1936, outra mudança de sede ocorreu para um prédio - ainda existente no local - na mesma rua, no número 1521.

Em 1938 registrou-se a primeira participação do CPOR no Desfile Militar de 7 de Setembro com seus três cursos reunidos, tradição que se mantém até os dias atuais.

Finalmente, em 1940, por ordem do General Estevão Leitão de Carvalho, Comandante da 3ª Região Militar, as instalações foram concentradas no local onde já funcionava o Curso de Cavalaria, na Estrada do Laboratório, atual Rua Correia Lima.

Naquele período, o Centro estava empenhado no esforço de preparação para o conflito armado que se avizinhava. Em 25 de julho de 1944, a Unidade participou de um desfile militar no centro da cidade em comemoração pelo desembarque em solo italiano da tropa da Força Expedicionária Brasileira, que já contava com vários de seus ex-alunos em seu efetivo. Ao final daquele ano foram formados 701 aspirantes-a-oficial na maior turma já formada pelo estabelecimento de ensino.

A OM conta com longo histórico de participação nas atividades da Guarnição de Porto Alegre, que vai da luta contra a enchente de 1941 até à participação nos desfiles cívicos; por longos períodos, coube aos alunos das armas montadas o privilégio de abrir o desfile como guarda das Bandeiras Históricas em virtude do Centro possuir cavalcada de qualidade e tropa de alunos adestrada para essa missão. Essa tradição equestre teve fim em 1986, ano que ficou marcado pela saída da cavalcada do CPOR em virtude da evolução da instrução nos cursos de Cavalaria e Artilharia e a racionalização da estrutura de ensino.

No ano de 1966, o CPOR/PA recebeu a Ordem do Mérito Militar em reconhecimento pelos serviços prestados, honraria de destaque para uma organização militar, que, à época, contava somente com trinta e oito anos de existência.

A partir de 1973, a organização passou a desenvolver a formação militar de médicos, dentistas, farmacêuticos e veterinários selecionados para o serviço ativo, fato que aumentou o vínculo do Centro com a sociedade porto-alegrense, origem da maioria dos convocados.

Em 1993, um grupo de ex-alunos, motivados pelos laços que ainda mantinham com a OM e os vínculos de amizade com os companheiros dos tempos de caserna, criaram a Associação de Ex-Alunos e Amigos do CPOR/PA, que em 2008 passou a denominar-se Associação dos Oficiais R/2 do Rio Grande do Sul-CPOR/PA. Tal entidade, além de congrega ex-alunos, tem se

destacado pelo apoio às atividades do Centro, pelos trabalhos desenvolvidos em prol do Centro e da comunidade de oficiais, praças, alunos e funcionários do CPOR/PA.

Em 2000, convênio firmado entre a 3ª RM e o Colégio Farroupilha resultou na criação da Escola de Instrução Militar, que é desenvolvida pelo CPOR/PA, permitindo aos alunos do Colégio a prestação do serviço militar obrigatório em tempo reduzido e nas suas instalações.

Em 24 de abril de 2010 as instalações de uma antiga escola pública existente no interior do aquartelamento foram cedidas para reforma e uso pelo Colégio Farroupilha, que ali instalou a Unidade Correia Lima, dedicada ao ensino fundamental de caráter social com excelentes resultados.

Anualmente, no dia 04 de novembro, Dia do Oficial Temporário, o CPOR comemora seus feitos, destacando seu maior tesouro e razão de ser do Centro: um grupo de mais de dezesseis mil ex-alunos, líderes formados para o Exército e para a Sociedade.

Fonte: livro CPOR de Porto Alegre – 80 Anos de História

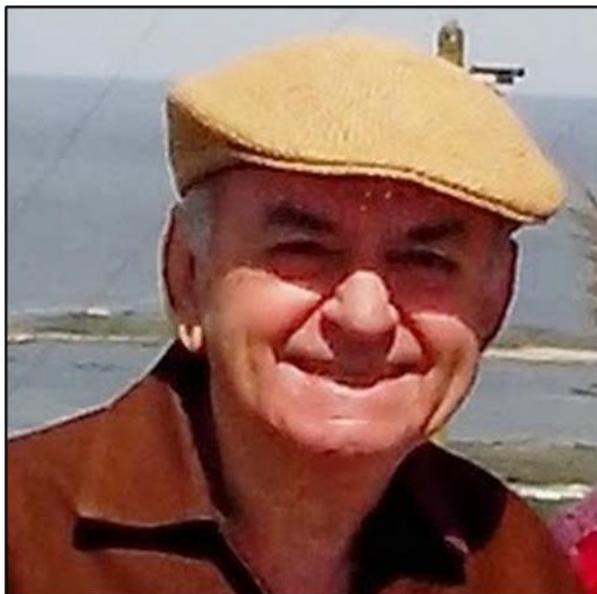


1ª Sede
Janeiro 1928 a Dezembro 1932
Atual 3ª RM



2ª Sede
Dezembro 1932 a Abril 1934
Atual Rua dos Andradas 812

Poesia - Soldado da Selva Brasil



Ernesto Caruso

*Soldado da Selva Brasil
Mergulho na selva, me envolvo no verde
Com o sangue a esquentar e querer defendê-la...*

*O grito de SELVA
Desponta como o raio de sol
Por entre as folhas a brilhar.
Em nossa alma a brotar
Ardor de lutar. Vencer! Vencer!*

*Como no sul, ombro a ombro
No norte, com sangue
No nordeste, com alma
No oeste, com dor
No leste, irmanados
Sempre expulsando O agressor, O invasor.*

*Com você Amazônia não será diferente
Do que foi no passado, com caneta na mão
A ditar a razão, ou com arcabuz, faca,
Canhão, fosso no chão, do balão a olhar,*

Foguete a troar e bala a zunir.

*Água no peito, no rio a andar,
Buscando você de olhos estranhos
Diferentes dos meus, escuros que são
Como minha pele queimada
Da sagrada mistura, camuflada na sombra.
Me chamo Brasil, soldado da SELVA,
Nascido e criado na beira do rio,
Ribeirinho que sou.*

*“Filho” do brasileiro primitivo
Que há muito tempo a esta terra chegou.*

*Nação descoberta, cadinho do amor,
Mescla de sentimento, paixão, idioma,
Só uma, sem secessão. Vontade nossa
Que há de superar a intenção de dividir,
Que alguns não enxergam e apoiam os estranhos.*

*Conheço este chão como a palma da mão.
As águas me dizem o caminho a seguir.
A mata não me assusta, me abriga,
Me alimenta, me dá força
P’ra lutar e vencer.*

*Não luto sozinho, conto contigo,
Irmão, chefe, patrão, governo e amigo.
Comando, união, razão e visão
Não traem o legado, que por dádiva,
Nos puseram nas mãos.*

(continua)

*A cada base do outro lado instalada,
Com tecnologia e ambição,
Faremos dez com valor da gente devotada.
Rever o passado, ocupar a fronteira.
Vazio é terra largada, alça sem mão.
Colônia Militar, Tiro de Guerra,
Nada além de Capitão. Famílias integradas.
Médicos, dentistas, professores,
Instruídos pelo Estado
Vão restituir o gasto nas suas fornadas.
Gente do Mar e do Ar, vigiando, ligando,
Apoiando e lutando, governo atento,
Não vão nos faltar. Querer é poder.
Não é perguntar ao inimigo o que devo fazer.
Assim, podemos gritar:
Esta terra tem dono..
S E L V A!*

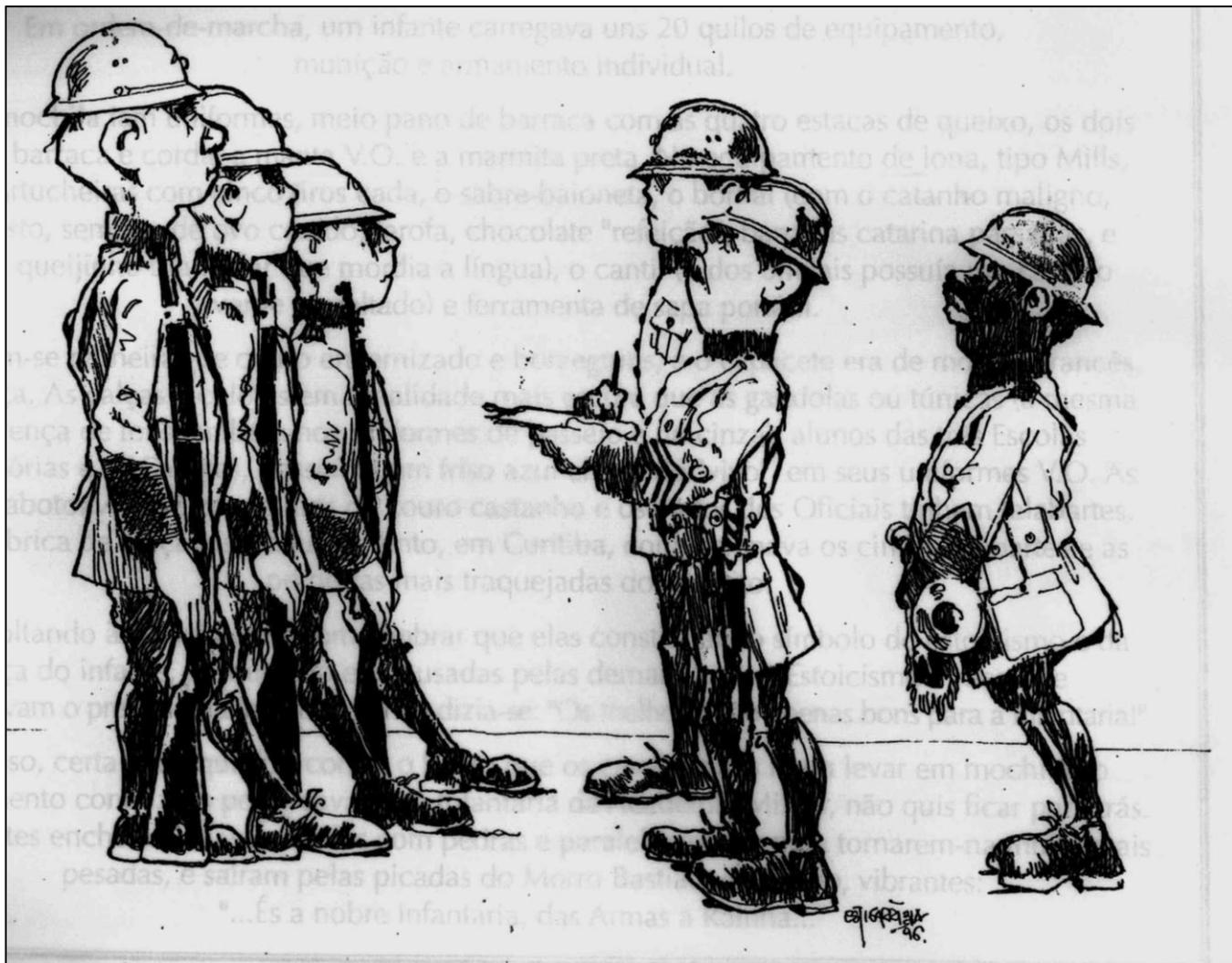
Em 04 Fev 2021, tivemos a grata satisfação de colocar no nosso site www.acadhistoria.com.br a versão digital do 2º volume da trilogia Síntese da História do Exército Brasileiro – O Exército Imperial. O link é <https://www.acadhistoria.com.br/outextos/ExercitoImperio.pdf>

Os casos do Cel Estigarribia - O SARGENTO BRIGADA -

Bem cedo, antes do início do expediente, acontecia a Parada Diária, à qual comparecia o pessoal de serviço todo traquejado, para uma revista. Quem passava essa revista eram o Ajudante (um Capitão), o Oficial do dia e o Sargento Brigada. O Sargento Brigada era o graduado mais antigo da Unidade e encarregado da escala de serviço. Gozava de certas regalias e o respeitavam bastante por causa de sua antiguidade, quase no limite da oficialidade. Tinha como prerrogativas usar um distintivo na manga do braço direito (esfera em metal dourado, com o relevo do globo da bandeira do Brasil) e um espadim, este do antigo modelo usado na Escola Militar do Realengo. Em Santa Maria, no 7º RI, o Sargento Brigada chamava-se Lucho (era meio castelhano), jeitão de "grosso". Quando ele fez o CAS (Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos), encheram-lhe a cabeça com aquelas abreviaturas táticas: LP, LC, PTrig, PATq, ZReu...

O instrutor, sempre que ia citá-las, começava dizendo: "Hoje vamos ser apresentados à LP, ao PTrig, à ZReu...". Pois bem, no dia de encerramento do CAS, sorvendo um chimarrão, o

Lucho lamentava: "Mas ' que barbaridade! Me despedi de todo mundo, mas a tal de ZReu eu não achei, nem sei quem é...". Foi ele, também, o militar contrariado e sério que escutava uma conversa sobre satélite (era a década de 60), num acampamento na Coudelaria de Saican. Era agosto, época de bastante chuva. O Lucho, olhando o tempo feio se formando no céu, resmungou baixinho: "...que conversa fiada essa de satélite. Como é que poderiam ficar voando lá em cima, sem enferrujarem com as tormentas!".



Nota do editor: o pé esquerdo à frente era resquício da Ordem Unida da Missão Francesa.

EDITOR:

**LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, CEL PRESIDENTE DA AHIMTB/RS
(LECAMINHA@GMAIL.COM)**

SITES: WWW.AHIMTB.ORG.BR E WWW.ACADHISTORIA.COM.BR

SITE DO NÚCLEO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS/CMS:

WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR

SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM

BLOG DA DELEGACIA DA FAHIMTB/RS EM RECIFE, PE – DELEGACIA

HERÓIS DE

GUARARAPES:

HTTP://HISTORIA-PATRIOTA.BLOGSPOT.COM/